

OS PROCESSOS ENUNCIATIVOS DA VARIAÇÃO SEMÂNTICA DE UNIDADES LEXICAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO¹

Isael da Silva Sousa²

RESUMO

Este artigo insere-se no quadro da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) de Antoine Culioli (1990, 1999a, 1999b), mais especificamente, em uma linha de investigação construtivista desenvolvida por Franckel, Paillard e De Vogué (2011). Temos como objetivo geral demonstrar que não existe uma opositividade fixa entre as unidades lexicais *novo* e *velho*. A constituição do *corpus* se deu com as ocorrências de *novo* coletadas do meio eletrônico denominado Corpus do Português. Temos com suporte teórico- metodológico a TOPE, por essa razão nossa metodologia de análise se baseia na atividade de manipulação e reformulação de enunciados, ou seja, a prática de elaboração de glosas. Os resultados evidenciam que não há uma opositividade fixa entre *novo* e *velho*. Quando constatamos a ocorrência de uma relação de oposição verificamos que o que se opõem não é uma unidade em relação à outra unidade, isto é, *novo* e *velho* não se opõem enquanto unidades, mas os valores construídos e estabilizados temporariamente podem favorecer a construção de uma relação de oposição.

Palavras-chave: TOPE. Novo. Velho. Relações de Opositividade. Construção de sentidos.

ABSTRACT

This article is part of Antoine Culioli Theory of Predicative and Enunciative Operations – (TOPE) (1990, 1999a, 1999b), more specifically a constructivist research line developed by Franckel, Paillard and De Vogué (2011). We have as a main objective to demonstrate there is no fixed opposition between lexical units “novo” and “velho”. The *corpus* was constituted by the

1 Este artigo é proveniente da pesquisa, financiada pela CAPES, que realizamos durante o Mestrado Acadêmico em Letras, no programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Piauí (PPGeL - UFPI), biênio 2017-2019, sob orientação da Profa. Dra. Maria Auxiliadora Ferreira Lima.

2 Mestre em Letras, com área de concentração em Linguística, pelo PPGeL – UFPI. Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGL-UNEMAT). E-mail: isaelsousah@gmail.com

occurrences of the item “novo” collected from the electronic medium “*Corpus do Português*”. We hold TOPE as a theoretical and methodological support, for this reason our methodology of analysis is based on manipulating and reshaping utterances, *i.e.*, the practice of writing glosses. The results show that there is no fixed opposition between “novo” and “velho”. When we observe the occurrence of an oppositional relationship we find that they do not oppose a unit in relation to the other, *it means that*, “novo” and “velho” don’t oppose as units, but the constructed and stabilized values can temporarily favor the construction of an opposition.

Keywords: TOPE. Novo. Velho. Oppositional Relations. Construction of senses.

1 INTRODUÇÃO

A tradição gramatical brasileira costuma categorizar as unidades lexicais *novo* e *velho* como adjetivos. Por esse viés, tais unidades funcionam como palavras que caracterizam uma qualidade, sendo própria ou não, de um determinado ser. No entanto, se pensarmos em um enunciado como “esse livro é o mais novo dessa loja”, por exemplo, teremos simplesmente uma característica de um determinado livro marcada por *novo*? Podemos dizer somente isso em relação ao enunciado do exemplo? O que poderíamos observar se partíssemos das operações que sustentam os valores e não considerarmos apenas os valores estabilizados?

Posto isso, sustentados pela Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (doravante TOPE), postulada pelo linguista francês Antoine Culioli (1990, 1999a, 1999b) e seus seguidores, negamos a existência de valores pré-definidos, sentidos prontos para as unidades lexicais e, conseqüentemente, a antonímia. Pois, pensar em uma relação de oposição, termo a termo, consiste em uma ilusão, uma vez que a unidade lexical para a TOPE é transcategorial, ou seja, comporta uma maleabilidade e uma deformidade e, fora do enunciado, relações previamente estabelecidas não existem.

Partimos da hipótese de que toda e qualquer relação de opositividade entre as unidades lexicais *novo* e *velho* é construída localmente no enunciado. Portanto, temos como objetivo, neste artigo, demonstrar que não existe uma relação de opositividade fixa entre as unidades lexicais *novo* e *velho*, visto que, como já dito, as unidades lexicais são entidades que não possuem sentido pré-estabelecido ou que lhe seja próprio, mas são, na verdade, detentoras de um potencial enunciativo que, em uma dinâmica de interação, estabilizam temporariamente um determinado sentido. Em outras palavras, desconsideramos a posição de que uma unidade possua sentido estável ou que lhe seja tomado com exclusividade, independentemente do enunciado.

No que se refere à organização deste artigo, além desta introdução e das considerações finais, apresentamos, na seção 2, uma discussão sobre a relação de sentido em uma perspectiva construtivista que fundamenta nossa pesquisa; e, na seção 3, demonstramos nosso movimento de análise, discussão, bem como uma síntese conclusiva.

2 UMA PERSPECTIVA CONSTRUTIVISTA DAS RELAÇÕES DE SENTIDO

Para Culioli (1990), os sentidos das unidades lexicais são resultados de uma relação de interação, visto que não há sentido dado, mas sentido construído através do enunciado. Isto posto, para Benveniste (2005), o sentido de uma palavra é acionado a partir das relações no interior de uma frase. Para o teórico, as palavras são classificadas como elementos de nível diferente e, por essa razão, são integrativas.

Por sua vez, Franckel (2011) argumenta que um dos objetivos das pesquisas desenvolvidas pelo viés construtivista, no qual nos inserimos, consiste em mostrar que, por meio da variação do sentido das unidades lexicais, é possível pontuar suas regularidades de organização. No entanto, é importante salientarmos que a variação é apenas em parte determinada pelo cotexto lexical (relações entre as unidades lexicais no interior da sequência linguística), dado que obedece a fortes regularidades, associadas à estrutura do mesmo. São as próprias unidades que condicionam seu cotexto de inserção, isto é, elas determinam a forma do cotexto e o tipo de cenário enunciativo em que se inscrevem.

Por consequência, a identidade de uma unidade não se define por um sentido de base, entretanto, pelo papel específico que desempenha nas interações que constituem o sentido dos enunciados nos quais ela é posta em jogo. Esse papel não deve ser entendido como um sentido próprio da unidade, mas como resultado da variação resultante das interações, em outras palavras,

O sentido das unidades constrói-se no e pelo enunciado, ao mesmo tempo em que elas determinam o sentido desses enunciados. Não há sentido derivado por metáfora: o valor bruto da unidade é sempre um valor abstrato, uma épura, não uma designação, é um potencial e não um conteúdo (FRANCKEL, 2011, p. 23).

De tal modo, reafirmamos que o sentido das unidades consiste em um potencial, o qual será estabilizado em um determinado cenário enunciativo evocado a partir do próprio cotexto.

Porquanto, uma sequência é interpretável somente dentro de um contexto definido, resultante das relações de interações entre as unidades lexicais.

Nessa conjuntura, o contexto não é externo ao enunciado, visto que a própria sequência (um encadeamento interpretável de palavras) desencadeia tipos de contextualizações com as quais é compatível. Consequentemente, o contexto está em uma relação de dependência e independência com a sequência contextualizada.

Essa contextualização é a responsável por orientar uma análise do sentido em construção. Pois, não se trata de partir do produto acabado, da interpretação de enunciado para redistribuir parcelas de sentidos aos seus diferentes componentes, contudo, partir dos potenciais vinculados a encadeamentos de palavras, de se fazer uma análise considerando uma espécie de trajeto dinâmico (cf. FRANCKEL, 2011).

É necessário não confundirmos o estatuto de enunciado com o estatuto de uma sequência, posto que uma sequência é considerada, nessa concepção, como um potencial interpretativo, que é eventualmente compatível com vários tipos de contextualização acionadas por ela. Por sua vez, o enunciado é compreendido como uma sequência estabilizada por uma contextualização já definida.

A identidade de uma unidade lexical é, então, extraída dos modos de interação como o contexto, em razão de nunca se observar nos enunciados o sentido bruto ou inerente de uma unidade, todavia os sentidos atribuídos são resultados de uma interação que se estabelece com seu contexto. Na medida em que,

A tese fundamental desse modelo, e que constitui a sua especificidade, é que a variação das unidades pode ser reportada a princípios regulares. O desafio da teoria não é, portanto, ou não é apenas, nem mesmo principalmente, o extrair uma invariância dos sentidos de uma palavra sob a forma de um conteúdo, mas de mostrar como a variação dos sentidos de uma palavra se dá em planos de variações regidos por uma organização singular (FRANCKEL, 2011, p. 23).

Perceba que a proposta desse programa vai além da extração de uma invariância dos sentidos, da reconstituição do que há de comum entre os diferentes empregos, contempla também o objetivo de dar conta das próprias variações, evidenciando a diferença entre os valores e sua organização.

Logo, a busca por uma invariante constitui uma forma de pensar a organização da variação de uma unidade que é, de acordo com Franckel, concomitantemente, estritamente singular e estritamente regular:

Estritamente singular: cada unidade tem uma identidade própria, irredutível à identidade de uma outra. Disso decorre que as variações de cada palavra se traduzem por valores absolutamente específicos e irredutíveis a quaisquer outros. Estritamente regular: apreende-se a identidade de uma unidade por meio da maneira pela qual se organiza sua variação em planos de variação provenientes de mecanismos gerais e regulares. Essa tese marca a especificidade de nosso programa de trabalho em relação a abordagem que podemos, aliás, qualificar de construtivistas (FRANCKEL, 2011, p. 23).

Sendo assim, a identidade de uma unidade é representada por uma forma esquemática (FE), a qual delinea um raciocínio que permite a extração do papel respectivo da unidade e de seu contexto na variação dos sentidos que podem lhe ser associados. Assim:

Uma FE deve descrever o conjunto dos valores e dos empregos da unidade que ela caracteriza. Ao mesmo tempo, não corresponde por ela própria a nenhum de seus valores singulares. Ela não é assimilável a algum sentido específico e, em particular a um sentido que seria primeiro. A FE não é o sentido da palavra, a identidade que ela constitui não é uma substância autônoma, ela não é o menor denominador semântico comum dos empregos de uma palavra (FRANCKEL, 2011, p. 26).

Portanto, o objetivo da FE, como visto, é esboçar o conjunto de valores e dos empregos de uma unidade por ela assinalada. Cada uso da unidade diz respeito ao emprego específico e particular da FE, em virtude de ela ser apreensível somente por intermédio das diferentes realizações possíveis, as quais compõem suas ocorrências.

Franckel (2011) advoga que, nessa perspectiva, as unidades lexicais não são indivíduos bem constituídos, no entanto, são ocorrências construídas por processos de individualização, por essa razão os diferentes sentidos de uma unidade não correspondem a extensões ou deformações de um sentido pronto, característico da sua identidade preexistente, e sim aos diferentes tipos de realizações de um cenário abstrato, ou seja, a forma esquemática.

A problemática de Culioli se constitui uma corrente que rompe com a concepção de uma transparência original da língua no que diz respeito às ideais que permite exprimir; e, por se tratar de uma teoria da enunciação, toma o enunciado como próprio objeto de estudo, desse modo:

O enunciado não é considerado como o resultado de um ato de linguagem individual, ancorado em *hic et nunc* qualquer por um enunciador qualquer.

Ele deve ser entendido como um arranjo de formas a partir das quais os mecanismos enunciativos que o constituem como tal podem ser analisados, no âmbito de um sistema de representação formalizável, como um encadeamento de operações do qual é vestígio (FRANCKEL, 2011, p.44).

A concepção de enunciado para Culioli, é diferente da concepção de Benveniste. Enquanto Benveniste (2005) compreende o enunciado como um ato individual de utilização de linguagem, uma manifestação da enunciação, produzida cada vez que se fala; Culioli, no que lhe concerne, concebe o enunciado como o próprio arranjos das formas que não remete a valores, mas a operações de constituição de um valor referencial.

Os valores referenciais são construídos no e pelos enunciados, por intermédio de operações enunciativas que são denominadas, por Franckel (2011), como operações de referenciação. Eles são instáveis, atrelado a um jogo intersubjetivo de ajustamento e de regulação, resultando em uma interpretação provisória e local, pois o estável é sempre e, primordialmente, o produto de processos interativos regulados de estabilização.

Por sua parte, Romero (2000) afirma que os valores referenciais consistem em um nível específico de representação o qual é de cunho inteiramente metalinguístico e teórico e sua função é retratar os mecanismos, as operações relacionadas na atividade linguagem.

Munidos dessas concepções teóricas, passemos, a seguir, para nossas análises.

3 A VARIAÇÃO SEMÂNTICA DE NOVO E VELHO E A FICÇÃO DAS RELAÇÕES DE OPOSITIVIDADE

Como já afirmamos, pelo viés teórico da TOPE, os sentidos são construídos através dos enunciados em uma dinâmica de interação, considerando a unidade lexical “como parte de um esquema de regulação dos modos como os enunciados se constituem e significam” (ROMERO e TRAUZZOLA, 2014, p. 241).

É válido ressaltarmos que este artigo é fruto da pesquisa que realizamos durante o mestrado em Letras, no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (Biênio 2017-2019). Para a dissertação, foram reunidos 100 enunciados com ocorrências da unidade lexical *novo* do Corpus do Português³ e de outros sites da web. Após um processo de seleção, dentre os enunciados coletados, analisamos 18 enunciados com ocorrências dessa

³ <https://www.corpusdoportugues.org/>

unidade lexical à luz da TOPE. Para este artigo, resolvemos apresentar a análise de 06 enunciados com a ocorrência da unidade lexical *novo*.

Como objetivamos demonstrar que não existe uma relação de opositividade fixa entre as unidades lexicais *novo* e *velho*, no decorrer das análises fizemos um procedimento de substituição da unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho* em todos os enunciados, o que deu origem a outros 06 enunciados, portanto, totalizando 12 enunciados analisados.

Identificamos os 06 enunciados com a ocorrência da unidade lexical *novo* da seguinte maneira: utilizamos a letra E, em maiúsculo, como abreviação da palavra ‘enunciado’, seguido de uma sequência de números entre 01 e 06, por exemplo, E01, E02. Por sua vez, os outros 06 enunciados, com ocorrência da unidade lexical *velho* resultantes do procedimento de substituição, estão identificados em relação ao seu enunciado de origem como, por exemplo, de E01 temos E01.1, de E02 temos E02.1, e assim por diante.

Os 12 (doze) enunciados foram distribuídos em três grupos de análises, são eles:

Grupo 01 - Novo indicando a introdução de um elemento com valor de acréscimo;

Grupo 02 - Novo indicando a introdução de um elemento gerando ruptura;

Grupo 03 - Novo situando um elemento em um espaço temporal.

Dentro de cada grupo, analisamos os enunciados, observando o funcionamento das unidades lexicais *novo* e *velho*. Para tanto, realizamos glosas que, na visão de Culioli (1990), significa operar fora das nossas intenções subjetivas e verificar o processo de construção de sentidos desencadeados pelo próprio enunciado. Vejamos as análises a seguir.

Iniciamos nossas análises com os enunciados do grupo (01):

Grupo (01) – *Novo* indicando a introdução de um elemento como valor de acréscimo.

Vejamos o primeiro enunciado:

E01 - Quando nossa reportagem chegou à residência humilde já um pouco afastada do centro de Ribeiro Gonçalves, o pai levantava sozinho as paredes de um novo cômodo, pensando no bem estar da família.
--

A unidade lexical *novo* indica a introdução de um elemento com valor de acréscimo, mais um cômodo em uma casa X. De cômodo <não existente> passamos a <cômodo existente> em adição aos demais, fazendo parte do todo de X. Temos a preponderância, em E01, do aspecto quantitativo.

Vejam agora o procedimento de substituição da unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho* no enunciado a seguir:

E01.1 - Quando nossa reportagem chegou à residência humilde já um pouco afastada do centro de Ribeiro Gonçalves, o pai levantava sozinho as paredes de um velho cômodo, pensando no bem estar da família.

Em E01.1, a unidade lexical *velho* qualifica cômodo como <deteriorado>. O verbo levantar em interação com a unidade paredes marca cômodo como <existente>. Assim, temos um cômodo Y de uma casa X em estado de deterioração que passa por um processo de reforma. Temos aqui a preponderância do aspecto qualitativo. Perceba que em E01 a unidade lexical *novo* indica o acréscimo de um cômodo <não existente> a uma casa X, aqui, cômodo já é <existente> e o que está sendo qualificado é seu estado de conservação. Portanto, embora seja possível a substituição de uma unidade pela outra, sem um alto custo enunciativo, podemos verificar que a unidade lexical *velho* não funciona como oposto de *novo*.

Passemos agora ao próximo enunciado:

E02 - Comprei um novo carro.

A unidade lexical *novo* marca o acréscimo de mais um carro a um conjunto de carros já adquiridos por sujeito X. O verbo *comprar* no pretérito reforça a ação de aquisição. Temos aqui a predominância do aspecto quantitativo, pois o que está em evidência não é o fato de o carro ser <lançamento> ou um veículo <nunca usado>, e sim o valor de acréscimo. O que é diferente, por exemplo, de - *Comprei um carro novo* -, pois a unidade lexical *novo* posposta atribui a carro a propriedade de <ser/está conservado>, <nunca usado> ou até mesmo de <lançamento>, prevalecendo o aspecto qualitativo.

Vejam, a seguir, o procedimento de substituição:

E02.1 - Comprei um velho carro.

Veja que não podemos falar da construção de uma relação de oposição entre *novo* e *velho* nesses enunciados. Em E02.1, a unidade lexical *velho* qualifica carro como um objeto estimado por um sujeito X, predominando o aspecto qualitativo. Ao contrário se pensarmos em - *Comprei um carro novo* - e - *Comprei um carro velho*-, ambas unidades pospostas ao nome carro, é possível a construção local de uma relação de oposição entre as unidades *novo* e *velho*. Pois, de um lado, teremos a unidade lexical *novo* atribuindo a carro a propriedade de <ser conservado> ou <nunca usado> e, de outro lado, a unidade lexical *velho* atribuindo a carro a propriedade de <ser desgastado> ou <usado>. Observe que o cotexto e a dinâmica de interação entre as unidades no enunciado são os responsáveis por desencadear esses valores, por isso não podemos falar, neste caso, em *novo/velho* funcionando isoladamente.

Passemos agora ao segundo grupo de enunciados.

Grupo (02) – *Novo* indicando a introdução de um elemento gerando ruptura.

Vejam os enunciados E03:

E03 - Temer decreta novo plano de segurança pública.

Nesse enunciado a unidade lexical *novo* marca a introdução de um plano de segurança pública, à vista disso, tem-se um plano X que <não existia> e passa a <existir> e ser válido. A existência de X, enquanto plano, faz com que Y deixe de <ser plano> marcando um processo de substituição de X por Y. O verbo *decretar* favorece esse valor de processo de substituição, dado que Y passa a não ser válido a partir do momento em que X é decretado em um espaço temporal determinado. O que nos leva a concluir que X e Y não coexistem.

Passemos ao procedimento de substituição da unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho* no enunciado a seguir:

E03.1 - Temer decreta velho plano de segurança pública.

Não é possível realizarmos o procedimento de substituição da unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho*. O verbo *decretar* impossibilita o uso de *velho*. Em E03.1, a existência do plano de segurança pública é localizada em um espaço-temporal anterior ao ato de decretar,

o que bloqueia o uso de *velho*. Levando em consideração que *novo* marca um processo de introdução e *velho* é vetado, podemos afirmar que não há uma construção local de uma relação de oposição entre as unidades lexicais *novo* e *velho* nesses enunciados.

Vamos ao próximo enunciado:

E04- Novo sistema de cadastro do PIS possibilita que tudo seja feito online⁴

Nesse enunciado a unidade lexical *novo* marca o surgimento de um sistema de cadastro do PIS e prevalece o aspecto qualitativo. Assim, temos um sistema <não existente> que passa a <ser existente> e, também, a existência X (*novo* sistema) implica a desqualificação de Y <sistema anterior>. Portanto, X substitui Y e apresenta-se como principal propriedade, de acordo com o contexto, <ser moderno>. Podemos comprovar isso por meio do uso da unidade *online*.

Passemos agora ao próximo enunciado:

E04.1- Velho sistema de cadastro do PIS possibilita que tudo seja feito online

Nesse enunciado, ao substituimos a unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho*, percebemos que o contexto veta o uso da unidade *velho*. A noção de <online> sugere, em interação com as outras unidades, a propriedade de modernidade, o que causa impedimento do uso de *velho*. Entretanto, se tivermos, por exemplo, um enunciado como - *Velho sistema de cadastro do PIS também possibilita que tudo seja feito online* - a marca lexical *também* favorece a relação de oposição *novo* e *velho*.

Passemos agora ao último grupo.

Grupo (03) – *Novo* situando um elemento em um espaço temporal.

Vejam os enunciados E05:

E05 – *Esse livro é o mais novo dessa loja, vou comprar.*

Nesse exemplo a unidade lexical *novo* pode indicar duas situações em contextos diferentes.

4 Extraído de < <http://www.confirp.com.br/novo-sistema-de-cadastro-do-pis-possibilita-que-tudo-seja-feito-online/>> Acesso em 18/01/2019.

Por um lado, marcar o estado de conservação de um livro X e, por outro, marcar um livro X como o mais recente em uma livraria, um lançamento no mercado. Considerando a primeira situação, a unidade lexical *novo* marca o estado de conservação de um livro X em relação aos demais livros da mesma loja, atribuindo-lhe a propriedade de <ser conservado>. Na segunda situação *novo* assume a marca de um livro X como o último lançamento em uma dada loja. Observemos o procedimento de substituição da unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho*:

E05.1 – Esse livro é o mais velho dessa loja, vou comprar.

Nessa construção, a unidade lexical *velho* marca o estado de conservação de um livro X em relação aos demais livros de uma dada loja, o uso do intensificador *mais* colabora para a constituição desse processo de comparação. De um lado, considerando o valor estabilizado de estado de conservação de X, as unidades lexicais *novo* e *velho* em E05 e E05.1 constroem, localmente, uma relação de oposição. Por outro lado, se considerarmos o valor construído em E05 de <lançamento>, não é possível a construção de uma relação de oposição entre *novo* e *velho*.

Passemos agora ao enunciado 06:

E06 - Mulher nova, bonita e carinhosa faz o homem gemer sem sentir dor.⁵

Em E06 a unidade lexical *novo* marca a faixa etária de X (mulher). Isto é, em uma linha cronológica, X é localizada como <jovem>. Se pensarmos em um enunciado com a unidade lexical *novo* anteposto teremos: *Nova mulher, bonita e carinhosa*. Veja que a propriedade <ser nova> atribuída a mulher não marca sua faixa etária, mas um processo de renovação ou transformação de X, predominando o aspecto qualitativo. Se mudarmos o cotexto teremos, por exemplo: *A nova mulher de João é bonita*. Nesse caso, a unidade lexical *novo* marca X como outro elemento de uma sequência.

Vejamos o processo de substituição.

E06.1 - Mulher velha, bonita e carinhosa faz o homem gemer sem sentir dor.

Neste enunciado a substituição entre as unidades lexicais *novo* e *velho* é possível, pois o cotexto não inibe o uso de *velho*. A unidade lexical *velho* marca uma faixa etária mais avançada de

⁵ Extraído de < <https://www.letras.mus.br/ze-ramalho/82373/> > Acesso em 18/01/2019.

X (mulher). Considerando esse valor, podemos ter entre os valores construídos nos enunciados E06 e E06.1 a construção de uma relação de oposição entre as unidades lexicais *novo* e *velho*.

3.1 Síntese das Análises

Observamos que a unidade lexical *novo* remete, de maneira preponderante, a uma temporalidade que se apresenta sob aspectos distintos nos enunciados analisados. Esta temporalidade pode marcar a introdução de um elemento em uma dada situação, que indica um tempo de existência recente e pode estar vinculado a um acréscimo ou não, bem como situar a existência de um estado de conservação ou uma faixa etária. Salientamos também que o elemento introduzido pela unidade lexical *novo* pode integrar-se ou romper-se a um conjunto.

Destacamos a seguir alguns aspectos observados em cada grupo:

Grupo (01) – *Novo* indicando a introdução de um elemento com valor de acréscimo:

- *Novo* marcando uma relação de integração. Quando introduzido um elemento, X passa a fazer parte de um total em um conjunto dado; temos, assim, desencadeado a ideia de um conjunto, por exemplo, de carros;
- *Novo* indicando o surgimento de um elemento X acrescido a Y que, para ter sua existência garantida, rompe com o seu elemento precedente;
- *Velho* quando não vedado pelo contexto, delimita o espaço temporal ocupado por um elemento X já existente e o valor de acréscimo, quando desencadeado pela unidade lexical *novo*, é desconfigurado.

Grupo (02) – *Novo* indicando a introdução de um elemento gerando ruptura:

- *Novo* marcando elementos que não admitem uma relação de integração. Isto é, um elemento X quando introduzido em uma sequência R provoca uma ruptura com o elemento precedente Y; dessa maneira, X e Y não coexistem.
- *Velho* é vedado pelo contexto dos enunciados que não admitem uma relação de integração.

Grupo (03) – Novo situando um elemento em um espaço temporal:

- *Novo* marcado um estado de conservação de X em comparação a Y;
- *Novo* marcando a faixa etária de X;
- *Velho* contrapondo-se a *novo* quando evidenciado a faixa etária e o estado de conservação de X.

Em suma, tendo como suporte os pressupostos da TOPE e os resultados das nossas análises, constatamos que as unidades lexicais *novo* e *velho* estabilizaram sentidos diferentes em cada enunciado já que os sentidos construídos não se encontravam em uma linha de oposição. Mas, o que queremos dizer por diferente? Como foi possível verificar, por intermédio das análises, em algumas situações o cotexto vedava o processo de substituição da unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho* e, em outras, mesmo sendo possível a substituição os valores construídos, não se encontravam em uma linha de oposição; o que impossibilita a construção de uma relação de opositividade entre *novo* e *velho*. Dessa forma, os fatores que aproximam e distanciam as unidades lexicais *novo* e *velho* de uma relação de opositividade consistem no próprio cotexto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos às considerações finais deste artigo que objetivou demonstrar que não existe uma relação de opositividade fixa entre as unidades lexicais *novo* e *velho*, ancorado em uma perspectiva teórica construtivista, isto é, na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), de Antoine Culioli.

Em quase todos os enunciados analisados pudemos perceber que a construção de uma relação de oposição entre os valores das unidades lexicais *novo* e *velho* não foi possível em função do cotexto. Nos enunciados analisados, o cotexto vedava o funcionamento da unidade lexical *velho* em substituição à unidade lexical *novo* em razão de que os sentidos construídos com *novo* e *velho* não se encontrarem em uma linha de oposição.

O que se opõe, na verdade, não é uma unidade em relação à outra unidade, isto é, *novo* e *velho* não se opõem enquanto unidades. Os valores construídos e estabilizados temporariamente dentro de um cotexto dado podem favorecer à construção de uma relação de oposição, porém como mostrado nas análises isso não é uma regra.

REFERÊNCIAS

CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations*. Paris: Ophrys, 1990. v. 1.

CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation: formalisation et opérations de repérage*. Paris: Ophrys, 1999a. v. 2.

CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation: domaine notionnel*. Paris: Ophrys, 1999b. v. 3.

BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. 5.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

FRANCKEL, J. J. Da interpretação à glosa: por uma metodologia da reformulação. In: VOGUÉ, Sarah de; FRANCKEL, Jean Jacques; PAILLARD, Denis. *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 103-130.

FRANCKEL, J. J. Referência, referenciação e valores referências. In: VOGUÉ, Sarah de; FRANCKEL, Jean Jacques; PAILLARD, Denis. *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011. P. 31-55.

FRANCKEL, J. J.; PAILLARD, Denis. Aspecto da teoria de Antoine Culioli. In: VOGUÉ, Sarah de; FRANCKEL, Jean Jacques; PAILLARD, Denis. *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 87-101.

ROMERO, M. C. TRAUZZOLA, V. S. L. *Identidade lexical, funcionamento enunciativo e variação semântica para a Teoria das Operações Enunciativas*. Calidoscópio, v.12, n. 2, p. 239- 248, mai/ago 2014.